

GUERRA NO LESTE EUROPEU / Em duas semanas, forças de Kiev reconquistaram 6 mil quilômetros quadrados e 20 vilarejos que estavam sob ocupação. Especialistas avaliam avanço e advertem que o conflito está longe de acabar

Tropas russas fogem e Ucrânia retoma áreas

» RODRIGO CRAVEIRO

No 201º dia de guerra, a Rússia vive um dos piores momentos em sua campanha para capturar regiões da Ucrânia. Vitaly Ganchev, principal oficial de ocupação russa na Ucrânia, declarou que as tropas da Ucrânia superaram os invasores em uma proporção de oito para um durante o contra-ataque da semana passada no nordeste e no sul da ex-república soviética. O presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, informou que, nas duas últimas semanas, as forças de seu país recuperaram quase 6 mil quilômetros quadrados do território controlado por Moscou.

avâncos da Ucrânia representaram os maiores ganhos territoriais desde a retirada das forças russas dos arredores de Kiev, em março. "Será como uma bola de neve, começará a rolar, rolar, rolar (...) E veremos o segundo maior exército do mundo recuar", disse o ministro da Defesa ucraniano, Oleksii Reznikov, ao jornal francês *Le Monde*. Em Zalizynche, cidade recentemente reconquistada, no centro-sul do país, quatro corpos de civis foram encontrados no domingo com "vestígios de tortura", afirmou a Promotoria da Ucrânia.

Inverno

Professor de política comparativa da Universidade Nacional de Kiev-Mohyla, Oleksiy Haran explicou que os russos esperavam que os ataques ucranianos se concentrassem mais ao sul, na região de Kherson. "A principal ofensiva ocorreu em Kharkiv. Os russos foram enganados. Com a reconquista territorial, as forças de Moscou passaram a lançar mísseis e foguetes contra a população civil. Depois que perderam soldados, a Rússia começou a bombardear as cidades", explicou ao *Correio*.

Segundo ele, a ampliação do contra-ataque para a retomada de áreas ocupadas depende do fornecimento de armamentos por parte do Ocidente. "A Ucrânia ainda não recebeu os tanques ou os aviões prometidos", disse.

Haran aposta que Putin tentará utilizar o inverno para pressionar o front da energia elétrica, tanto na Ucrânia quanto na Europa. "A usina nuclear de Zaporizhzhia está paralisada. Estamos nos movendo em direção a tempos difíceis. O inverno terá início em 1º de dezembro", lembrou. O caso se confirmem, os

Juan Barreto/AFP



Veículos blindados carbonizados na estrada de Balakliya, em Kharhiv: avanço ucraniano lança incerteza sobre conflito, que chega ao 201º dia

estudioso acredita que os ucranianos terão "estrada longa pela frente". "Muitas mortes virão. Não estou certo se Vladimir Putin (presidente da Rússia) será persuadido a deter a guerra. Ele tentará mandar mais soldados para a Ucrânia, incluindo mercenários e contrainsurgentes."

Retaliação

Por sua vez, o ucraniano Peter Zalmayev, diretor da organização não governamental Eurasia Democracy Initiative (em Kiev), adverte que os soldados de seu país precisam ser "cautelosamente otimistas" em relação aos avanços em Kharkiv e em Kherson. "Putin finalmente está tendo a sua resposta. Ele começou a guerra sob falsos pretextos e jamais explicou ao povo russo ou às próprias tropas o motivo pelo qual invadiu a Ucrânia", advertiu.

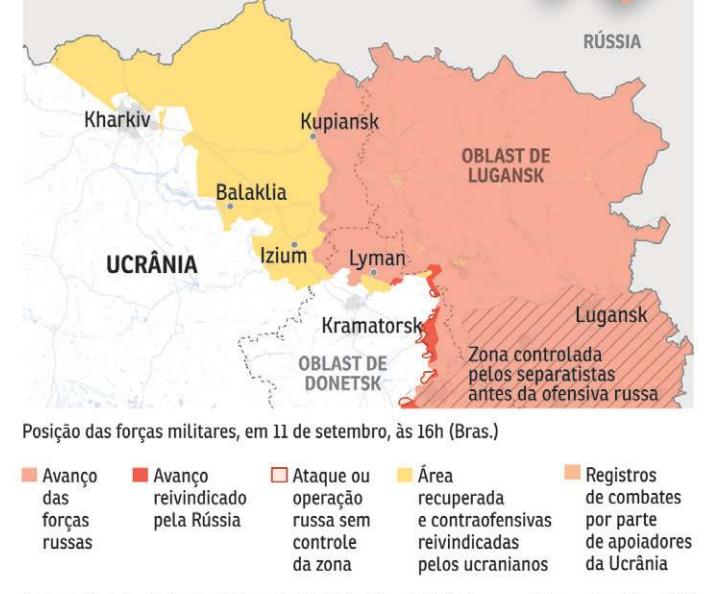
De acordo com Zalmayev, muitos militares da Rússia capturados pela Ucrânia desertaram

e admitiram que nada sabiam sobre o plano de Moscou para enviá-los à Ucrânia. "Em alguns casos, receberam informações de que receberiam treinamento militar na Ucrânia. As tropas de Putin apresentam pouco espírito combativo e baixa moral. Enfim, o Exército russo é despreparado. O Kremlin não esperava esse tipo de cenário e pensava que o conflito duraria poucos dias. Mas é preciso dizer que os soldados ucranianos têm mostrado uma incrível resiliência."

Zalmayev alerta sobre a possibilidade de um cenário nuclear. Ele entende que, quanto mais convicente se tornar uma vitória da Ucrânia no front, maior a chance de Putin tomar uma decisão dramática. "Pode incluir o uso de armas químicas, biológicas ou nucleares, mas prefiro não querer especular sobre isso. Alguns especialistas ocidentais acreditam que algo assim apressaria o seu fim e não o ajudaria a obter um triunfo militar", disse.

Contraofensiva no leste

O governo ucraniano afirmou no domingo ter recuperado várias localidades, entre elas: as cidades importantes de Kupiansk, Izium e Balakliya, ao mesmo tempo em que a Rússia reconheceu ter perdido terreno



REINO UNIDO

Rei Charles III lidera cortejo de Elizabeth

O rei Charles III, acompanhado por seus três irmãos, comandou a procissão que levou o caixão de Elizabeth II até a Catedral de Saint Giles, em Edimburgo, capital da Escócia, onde os britânicos começaram a se despedir de sua rainha. Vestido com trajes militares, o novo monarca de 73 anos seguiu o carro funerário a pé do Palácio de Holyroodhouse até o templo vizinho da Igreja da Escócia.

Seus irmãos Anne, 72, e Edward, 58, também usavam uniforme. Mas não Andrew, de 62 anos, considerado o "filho predileto" de Elizabeth II, mas a quem a própria monarca despojou de suas honras militares meses atrás, como resultado de acusações de agressão sexual a uma menor nos Estados Unidos.

Depois de uma cerimônia religiosa na Catedral de Saint Giles, em cujo telhado estavam estacionados franco-atiradores da polícia, foi aberta a primeira capela ardente, que permitirá aos escoceses despedirem-se da monarca durante 24 horas. "É um grande evento, Sua Majestade fez coisas muito boas em sua longa vida. É bom saber que participamos desta parte da história", comentou à agência France-Presse M.J. Alrubaee, estudante de



O monarca (E); a rainha consorte, Camilla (C); e a princesa Anne diante do corpo da rainha, em Edimburgo

membranças de infância, ao nosso primeiro encontro como comandante-em-chefe, até o primeiro momento em que conheceu minha querida esposa e quando abraçou seus bisnetos", disse Harry, 37 anos, que abandonou a monarquia em 2020 e se mudou com a esposa, a ex-atriz americana Meghan Markle, para os EUA.

Sem jatos

A Royal Company of Archers ("Companhia Real de Arqueiros"), que protege os monarcas na Escócia, vigiou o caixão por toda a madrugada de ontem na sala do trono do Palácio de Holyroodhouse. O caixão da rainha permanecerá na catedral

até a tarde de hoje para um último adeus dos escoceses. Depois, um avião transportará o corpo até Londres, para vários dias de homenagens da população e o funeral de Estado.

As autoridades calculam que 750 mil pessoas podem tentar participar da despedida da monarca na Abadia de Westminster, onde estão previstas filas de oito quilômetros. "É provável que a fila seja muito longa. Terão que esperar horas, às vezes de noite e com poucas oportunidades de sentar", advertiu o governo.

O funeral da soberana que conheceu 15 primeiros-ministros — de Winston Churchill, nascido em 1874, até a atual chefe de Governo, Liz Truss, nascida em

1975 — terá as presenças de vários líderes mundiais.

O presidente americano, Joe Biden, confirmou presença em um evento que deve contar com a participação de Jair Bolsonaro, além de representantes das monarquias do mundo, incluindo o rei da Espanha Felipe VI e o imperador Naruhito do Japão.

As autoridades britânicas pediram aos convidados estrangeiros que utilizem, "quando possível", voos comerciais e não jatos privados para viajar a Londres, onde serão usados ônibus no lugar de helicópteros e carros para seus deslocamentos, de acordo com documentos do Ministério das Relações Exteriores aos quais o site *Politico* teve acesso.

"Dedos de salsicha"



As imagens dos dedos inchados das mãos do rei Charles III viralizaram nas redes sociais e abriram espaço para especulações. Gareth Nye, professor da Universidade de Chester, disse ao jornal The Daily Star que a condição pode ser causada por edema ou retenção de líquidos. "O corpo começa a reter fluidos nos membros, normalmente nas pernas e tornozelos, mas também nos dedos, o que os faz inchar. O edema é uma condição comum e afeta principalmente pessoas com mais de 65 anos, pois a capacidade de controle de fluidos é restrita", disse Nye. Outra possibilidade, segundo ele, envolve artrite, doença que afeta três áreas principais da mão, a articulação do polegar ou as articulações dos dedos.